

Prefácio

Este livro é uma versão corrigida da minha tese de doutorado defendida na Universidade Federal Fluminense em março de 2018. Com a oportunidade da publicação pelo *Premio Istituto Sangalli per la storia religiosa*, pude acertar determinados pontos da pesquisa, adaptando o texto ao público italiano. De início, é pertinente ressaltar o principal objetivo da análise: o protagonismo indígena nos “sertões” da América ocupada pelos portugueses, entre 1680 a 1761, destacando não só os conflitos bélicos, como também os pactos políticos, as trocas culturais e os comportamentos mágicos ou religiosos praticados em situações de contato.

A obra acompanha diferentes grupos étnicos classificados pelos portugueses, ao longo dos séculos XVII e XVIII, genericamente como “tapuias”: selvagens andarilhos no interior do continente americano. Em diferentes ocasiões, foram aconselhadas campanhas de extermínio contra esses “homens bárbaros”, “sem fé, sem lei e piedade”. Mesmo os capuchinhos italianos, missionários nos “sertões”, declararam os “tapuias” incapazes de aceitarem verdadeiramente a fé cristã. Apesar das lições de catecismo, continuavam brutos, indolentes, ladrões e feiticeiros. Sobre os frades italianos e suas relações com os nativos aldeados, o texto está fundamentado em fontes encontradas no Brasil ou em documentos disponíveis na *internet*, com destaque para as denúncias inquisitoriais conservadas no Arquivo da Torre do Tombo, localizado em Lisboa. Portanto, estive fisicamente limitado a um só lado do Atlântico. Provavelmente, pesquisas nos arquivos da Itália possam acrescentar mais informações sobre convívio dos capuchinhos com os indígenas; sobre os frades atuantes ou, ainda, sobre estratégias e os limites do projeto missionário, vinculado à *Propaganda Fide*, no interior do Brasil.

O livro apresenta uma série de indícios, pouco divulgados, sobre os capuchinhos diante da alteridade americana, especialmente no contato com índios e mestiços acusados de feiticeiros do diabo. Os frades enfrentaram uma crise no otimismo missionário diante de uma alegada resistência indígena para com o cristianismo ou para com as regras sociais europeias. A catequização ainda sofria o ataque de uma campanha secular, animada pelo espírito das reformas pombalinas, contra a organização e a gestão econômica dos nativos conduzidas pelos sacerdotes regulares. As fontes coloniais revelam a evangelização como um campo de disputa entre os

A escola do diabo

padres, os nativos e os colonos, motivando conflitos cotidianos, também incentivando alterações nas tradições sociais e simbólicas no interior ou nas proximidades das missões. Os indígenas não foram sujeitos passivos no processo, contrariando os missionários pela determinação com que, supostamente, praticavam os seus costumes e ritos “gentílicos”. A documentação reunida acrescenta informações importantes ao estudo dos povos indígenas em contato com os capuchinhos italianos no interior da América portuguesa.

C. H. Cruz,
São João del-Rei, dezembro de 2019